

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quamabara

DATA: 02/04/1960 AUTOR: Mário Pedrosa

TÍTULO: Burri, ou a revolta assimilada (II)

ASSUNTO: Ivram e a descoberta da colagem a calor.

*Jornal do Brasil, 2.4.1960*

## ARTES VISUAIS

# Burri, ou a revolta assimilada (II)

Mário Pedrosa

Dadá legou ao cubismo a colagem, mas não o seu espírito. Pelo cubismo, a colagem (papel de jornal, areia, cartas de jogar, pano, madeira, cortiça etc.) foi transformada em meio de expressão nobre. Mas o *ready-made* de Marcel Duchamp e o *merz* (detritos achados na rua para compor, com êles, coisas) de Kurt Schwitters ficaram fora do campo policiado das artes. Os surrealistas, sucessores de *Dadá*, adotaram os "já feitos" de Duchamp, inventaram a escrita automática e jogos outros, pueris ou enigmáticos, mas deram a tudo uma carga psíquica que ultrapassava o campo puramente artístico para adquirir valor de signos míticos ou mágicos. Arp, um dos grandes remanescentes de *Dadá*, não descobriu a pedra como escultura, mas transformou escultura em pedra, que foi levar ao bosque para que ali florescesse como pedra, ser da floresta.

No pós-guerra, eis que Burri e outros artistas mais jovens redescobriram a colagem. (Aliás, Ivã Serra também descobriu aqui um processo novo de colagem, a calor). Burri tentou destruir a pintura. Tentou ofender, de saída, o gosto aristocrático dominante e a estética já por demais requintada do pós-cubismo. Passou a organizar suas telas com materiais ainda mais prosaicos e insólitos que os usados na geração precedente. Na III Bienal paulista, apresentou ele além de seu material já predileto — tempera, vinavil sobre tela — um óleo sobre estopa, e o resto em tempera e saco sobre celotex e trapos sobre celotex. Essa mistura de tempera, estopa e trapos sobre celotex atingia um grau de decomposição realmente repugnante. Todo Preto era, entretanto, notável pela composição, já então extremamente cuidadosa, numa espécie de expressividade da podridão. Evidenciava-se ali a intenção do pintor de levar a colagem ao máximo de tensão, ou a uma hipercolagem. A estética do artista se definia assim como uma estética da hipérbole, com algo de danunziano: a repugnância dos materiais em putrefação se enquadrava num requintado artifício de retórica compositiva.

Desde então, a arte de Burri evoluiu. Os materiais em decomposição vão sendo abandonados, a medida que as qualidades mestras de artista no fundo de apurado gosto, se vão evidenciando com o tempo. Em Ibirapuera, no ano passado, e agora no nosso MAM, além da estopa, os materiais empregados são mais nobres, — ferro e madeira. É verdade que, entre os velhos trapos e estopas lambuzados, e a madeira e o ferro, o pintor lançou mão do intermezzo excitante das camisas femininas, coladas à tela (como à pele), e passadas a tempera. De repente, um elemento de *houvoir* entra naquela pintura violenta, brutal, plebéia ou pobre. Irresistivelmente, associações extrapictóricas de ordem mundana afluem, pois através daquela camisa bordada, apuradamente estendida, criando uma superfície por vezes transparente e luminosa, num jogo precioso de valores, sobressaem não só a virtuosidade do pintor como sua talvez irônica intenção de fazer apelo direto (retórico) aos encantos da pura sensualidade feminina para obter uma fácil vitória sobre o espectador. Na realidade, o que com isso Burri restaura é a velha estética do nu.

A própria estopa, material com que mais de perto segue a técnica da colagem, é de tal modo fundida à tempera, as manchas coloridas, que se volta com ela à pintura tonal. Com efeito, nessas obras uns tons dominantes de terras e ocre se fundem menos pelo encontro dos remendos dos trapos, fio a fio, que pelo apuro da pincelada, organizando com amor as passagens. O textual absorvente, necessário, do próprio material é aqui deliberadamente submisso ao tonal. Vero paradoxo. O resultado dessa fusão estranhamente musical é a gente esquecer o plebeísmo do material para se deixar seduzir pela atmosfera puramente pictórica criada, com suas pas-

sagens nunca chocantes mesmo quando do ocre se chega a um fundo azul ou a uma mancha vermelha, pois uma poeira dourada ou luminosa os cobre, sem dúvida para que a harmonia total não seja alterada. Burri, no fundo de seus caprichos ou desesperos, o que quer é um acorde de consonâncias e não de dissonâncias.

Sente-se através dos anos o apaziguamento do artista. Sua inventiva processa-se agora sem lampejos de revolta, ou a obsessão do contra. Já vão longe os tempos em que o pintor desafiava o espectador pela deliberada repugnância de seus trapos emporcalhados. Suas obras em madeira ou ferro já têm outro significado.

### Móveis para Brasília

No Salão de Exposições do Ministério da Educação encontra-se aberta uma exposição de móveis para residências em Brasília. A exposição está aberta, diariamente, das 10 às 19 horas, exceto aos sábados.

### Arquitetura Mexicana em São Paulo

Inaugura-se nos próximos dias, no Instituto de Arquitetos de São Paulo, a exposição 4 mil anos de arquitetura mexicana, que foi apresentada há pouco no Museu de Arte Moderna do Rio.

### Scliar na Tenreiro

Uma nova exposição abre-se dia 4 de abril na Galeria Tenreiro, na Rua Barata Ribeiro, 433: guaches de Scliar. A exposição compreenderá 26 trabalhos, realizados entre 1958 e 1960.

### Le Corbusier e Agadir

Uma informação vinda de Paris dá notícia de que o arquiteto Le Corbusier teria sido convidado para traçar o plano urbanístico da futura Cidade de Agadir, que será erguida no lugar da que foi destruída, há pouco, por violento terremoto.

### Exposições

BURRI, SOMAINI, VESPIGNANNI, PALATNIK, ZELIA SALGADO e CASA EXPERIMENTAL — Museu de Arte Moderna, Atêrro da Glória, JAGOBO — Galeria Macunaíma, México, esquina de Araújo Porto Alegre. ARTE POPULAR DO NORDESTE — La Petite Galerie, Av. Atlântica, 2.964. HENRIQUE MAYER — Escola Nacional de Belas-Artes. LIVRO DE ARTE ALEMÃO — Biblioteca Nacional.

instituto de arte